



EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL: A IMPORTÂNCIA DE FALAR SOBRE O LUTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana¹

Bartolomeu Moura Junior²

Vagner Pereira da Silva³

Fernando Kbasdimekwa Brito de Souza⁴

Joselma dos Reis Gouveia⁵

Luciana da Silva Lopes⁶

RESUMO

A morte é um processo vital triste e doloroso. O medo e o medo dos adultos há muito são um assunto tabu – pelo menos em grande parte da sociedade ocidental. Tentamos salvaguardar as crianças desta realidade, embora seja especialmente difícil para nós lidar com a morte com os pequenos. Esse fato é influenciado por nossas crenças de que as crianças não possuem as ferramentas cognitivas e emocionais necessárias para enfrentá-lo. Essas crenças não são verdadeiras e as crianças podem se beneficiar de um ambiente em que a morte seja discutida com naturalidade. A escola poderia ser um local ideal, pois é um agente socializador primário onde as crianças passam uma parte considerável do seu tempo, além de estar junto com a família um dos primeiros contextos em que os pequenos vão enfrentar esse problema. No entanto, são poucas as iniciativas voltadas para o desenvolvimento de uma pedagogia da morte na educação infantil (ou no ensino fundamental) e não temos recursos suficientes para nos dar o que fazer quando ocorre uma morte na escola. Os professores carecem de preparo pedagógico nessa matéria e ferramentas que podem ser utilizadas. Este artigo tem o intuito de mostrar acerca dos fundamentos basilares acerca da educação infantil, inferindo sobre o luto e sua importância.

Palavras-Chave: Morte; Medo; Do; Crianças; Escola.

RESUMEN

La muerte es un proceso vital triste y doloroso. El miedo y el miedo a los adultos han sido durante mucho tiempo un tema tabú, al menos en gran parte de la sociedad occidental. Tratamos de proteger a los niños de esta realidad, aunque es especialmente difícil para nosotros lidiar con la muerte con los más pequeños. Este hecho está influenciado por nuestras creencias de que los niños no tienen las herramientas cognitivas y emocionales necesarias para enfrentarlo. Estas creencias no son ciertas y los niños pueden beneficiarse de un entorno en el que la muerte se discute naturalmente. La escuela podría ser un lugar ideal, ya que es un agente socializador primario donde los niños pasan una parte considerable de su tiempo, además de ser junto con la familia uno de los primeros contextos en los que los más pequeños se enfrentarán a este problema. Sin embargo, hay pocas iniciativas dirigidas a desarrollar una pedagogía de la muerte

¹ Mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4525212051642722>

² Membro do Grupo Interdisciplinar para Pesquisas e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades (GI-PEEIHA). <http://lattes.cnpq.br/2952410314932559>

³ Professor da Secretaria Municipal de Educação de Tocantínia-TO <http://lattes.cnpq.br/3073462598704957>

⁴ Professor do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente-Warã <http://lattes.cnpq.br/4123465126606278>

⁵ Orientadora Educacional do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – Warã <http://lattes.cnpq.br/41374259784075932>

⁶ Professora do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente-Warã <http://lattes.cnpq.br/43874259784091124>



en la educación infantil (o primaria) y no tenemos suficientes recursos para darnos qué hacer cuando ocurre una muerte en la escuela. Los maestros carecen de preparación pedagógica en esta materia y herramientas que puedan ser utilizadas. Este artículo tiene como objetivo mostrar sobre los fundamentos básicos de la educación de la primera infancia, infiriendo sobre el duelo y su importancia.

Palabras clave: Muerte; Miedo; Hacer; Niños; Escuela.

ABSTRACT

Death is a sad and painful life process. Adult fear and fear has long been a taboo subject – at least in much of Western society. We try to safeguard children from this reality, although it is especially difficult for us to deal with death with little ones. This fact is influenced by our beliefs that children do not have the necessary cognitive and emotional tools to face it. These beliefs are not true and children can benefit from an environment where death is discussed naturally. The school could be an ideal place, as it is a primary socializing agent where children spend a considerable part of their time, in addition to being with the family one of the first contexts in which the little ones will face this problem. However, there are few initiatives aimed at developing a pedagogy of death in early childhood education (or in elementary school) and we do not have enough resources to give us what to do when a death occurs at school. Teachers lack pedagogical preparation in this matter and tools that can be used. This article aims to show about the basic fundamentals about early childhood education, inferring about mourning and its importance.

Keywords: Death; Fear; Pain; Children; School.

INTRODUÇÃO

O processo de luto é particularmente complexo em crianças. As reações são diversas e, às vezes, parecem não ter relação direta com a perda, surgindo como formas especiais de expressão dos sentimentos da criança.

Sintomas psicossomáticos, dificuldades na escola, problemas de comportamento, problemas alimentares, baixa autoestima, ansiedade, agressividade, dificuldades de socialização e comportamento regredido são alguns exemplos dessas reações (LIMA; KOVÁCS, 2011). A experiência da perda também pode afetar a percepção da criança sobre si mesma e o ambiente externo, fazendo com que ela desenvolva um sentimento de não pertencimento (GRAHAM, 2004; GREEN; CONNOLLY, 2009).

Para compreender a morte, a criança deve adquirir seu conceito. Por meio do desenvolvimento cognitivo, a criança introjeta algumas características inerentes à morte, como irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade, possibilitando a compreensão. No entanto, a maneira como uma criança vivencia o luto também é afetada pelo que ela aprende sobre a perda e pelas oportunidades que ela tem para compartilhar seus pensamentos e sentimentos. Nesse sentido, a forma como a família lida com o luto é determinante para determinar como a



criança se comportará, uma vez que a comunicação e a aceitação dos que lhe são próximos podem reduzir o impacto da perda na vida da criança (KOVÁCS, 1992).

DESENVOLVIMENTO

Por serem muito observadoras e perceberem facilmente o que está acontecendo ao seu redor, as crianças muitas vezes se tornam porta-vozes das ansiedades que os adultos manifestam (ABERASTURY, 1984). Portanto, é necessário que a criança compreenda o que aconteceu, para que seu luto seja processado da melhor maneira possível (LIMA; KOVÁCS, 2011).

As dificuldades nesse processo de compreensão se iniciam quando, após a morte de um ente querido, a família enlutada, sofrendo com os sentimentos decorrentes do luto, pode não ser capaz de oferecer o acolhimento e a atenção que a criança sobrevivente necessita.

Durante o luto, a criança deve se sentir triste. Infelizmente, pode haver quem tente forçá-los a um estado de falsa alegria, esquecendo que a tendência natural é que eles se recuperem da perda, se seu ritmo e impulso forem respeitados (WINNICOTT, 1959/1997). Os cuidadores precisam tranquilizar as crianças. Eles têm que respeitar aquelas fantasias fora de sintonia com a realidade que possam surgir e, aos poucos, trabalhar com a criança até que consiga distinguir entre fantasia e realidade. As crianças muitas vezes desenvolvem uma fantasia na qual fizeram algo errado e devem ser culpadas pela morte de seu ente querido.

Lima e Kovács (2011) afirmam que ao perceber o afastamento e o sofrimento de seus familiares, a criança tende a oferecer-lhes abrigo, escondendo seu próprio luto. Essa inversão de papéis é prejudicial, principalmente para a criança, mas também para todos os enlutados.

Assim, as crianças devem ser encorajadas a falar sobre seus sentimentos. No entanto, muitos adultos acreditam que as crianças são incapazes de compreender a verdade e têm medo de prejudicá-las ao falar sobre a morte. São atitudes negativas que dificultam o processo de luto da criança (LIBRACH; O'BRIEN, 2011). Incluir a criança nas conversas sobre a perda permite que ela



se sinta menos solitária em sua dor, produzindo um luto compartilhado que a ajudará a crescer e amadurecer (KÜBLER-ROSS, 1981/2005). Quando a morte é comunicada livremente e a criança tem espaço para falar abertamente sobre seus sentimentos, fica mais fácil expressá-los e chorar.

Além das dificuldades inerentes à perda de um ente querido, a morte de um irmão pode despertar diversos tipos de ansiedade nas crianças. Nas relações fraternais, há muitos sentimentos ambivalentes, muitos dos quais ansiogênicos, permeados de competitividade, amor e ciúme. A rivalidade fraterna é um processo natural e pode existir por diversos motivos, desde disputa e competição em jogos até o desejo de receber mais atenção dos pais (PEREIRA, 2011). Nessa relação, a agressividade pode existir por meio de conflitos fraternos, e ao vivenciar esses momentos, os vínculos entre irmãos podem até se fortalecer, assim como o desenvolvimento de relacionamentos satisfatórios na vida adulta. Assim, a relação fraterna é muito importante na constituição do sujeito, pois os irmãos definem sua identidade a partir da percepção das semelhanças e diferenças entre eles (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2011).

Em caso de morte de um irmão, os irmãos enlutados também podem - e isso parece ser uma regra psíquica - sentir-se culpados por sobreviver e pôr o irmão falecido não poder mais vivenciar as mesmas situações que eles. Os irmãos sobreviventes podem introjetar e assumir as expectativas que os pais tinham em relação aos filhos falecidos e, ao mesmo tempo, estagnar seu desenvolvimento emocional (LIMA; KOVÁCS, 2011). Essa estagnação resulta em paralisia da criatividade, ou seja, o indivíduo deixa de ser alguém e “morre” tal qual o objeto perdido.

Assim, essas crianças estão propensas a desenvolver algum tipo de sintoma, que é uma manifestação do dano psíquico que sofreram. Além disso, não conseguir elaborar o luto na infância pode ser muito ruim para a vida adulta, pois o indivíduo pode desistir de tentar elaborar suas emoções e se sentir perseguido por uma tristeza que não consegue explicar bem (PINCUS, 1989).

Além de perder um irmão, os filhos sofrem outra perda, pois seus pais podem não estar disponíveis para eles devido aos seus próprios sofrimentos, causados pela perda (GERHARDT et al, 2012). Os pais em luto podem ficar deprimidos e distantes dos outros filhos, o que é muito traumatizante para eles. Incapaz de compreender o sofrimento dos pais, os filhos podem sentir uma perda



de sentido em relação à sua presença na vida dos pais, por não terem o amor e a atenção que até então lhes eram dedicados (GREEN, 1988).

Segundo Winnicott (1960/2008), a depressão materna pode ser muito prejudicial para a criança, pois, sendo as mães incapazes de suprir as necessidades dos filhos, o desenvolvimento do potencial do seu self pode ser prejudicado, ou seja, sua criatividade.

Ireland (2011) realizou um estudo de caso em um paciente que, após perder seus irmãos, teve sua mãe deprimida. Essa situação o fez vivenciar “um luto 'envolto' em outro luto” (p. 159) porque, além de perder um irmão, também perdeu a mãe, que não podia mais se dedicar ao filho vivo como antes.

Após a perda, o trabalho do luto é possível por meio da capacidade criativa do enlutado, que possibilita a reparação de seu mundo interior, para que ele possa sentir novamente que a vida vale a pena ser vivida (BARONE, 2004). A criatividade é a base do viver saudável (WINNICOTT, 1971/1975) e o brincar é uma expressão do viver criativo, em que é possível à criança eliciar a realidade e elaborá-la (BARONE, 2004). Nesse sentido, a elaboração dos sentimentos de luto pode acontecer por meio das expressões criativas do indivíduo, que surgem na busca por uma ressignificação da vida após a perda.

Segundo Winnicott (ABRAM, 1996/2000) a criatividade aparece como um impulso inato, que pode ser desenvolvido de acordo com as experiências. A experiência inicial é o processo de ilusão, ou seja, a onipotência do bebê que se nutre da capacidade da mãe de responder ao gesto infantil espontâneo. Esta experiência é a primeira aparição da criatividade. Posteriormente, o bebê se sentirá seguro para tolerar frustrações e vivenciar a realidade, podendo fazer uso de seu estilo pessoal de ser.

Assim, o ambiente deve proporcionar segurança e *acolhimento* para facilitar a expressão da criança e permitir que ela seja espontânea e retome sua capacidade criativa (já vivida no processo de ilusão), seguindo com sua maturidade emocional apesar das falhas ambientais.

DESAFIOS DE REGULAÇÃO EMOCIONAL EM CRIANÇAS EM LUTO



Observa-se que as crianças expressam sua tristeza e raiva de forma esporádica, intercaladas com longos períodos de comportamento normal e atividades como brincar. Essas transições entre explosões de tristeza e comportamento normal se assemelham ao conceito de oscilação no Modelo de Processo Duplo (STROEBE; SCHUT, 1999), definido como um vai-e-vem na focalização dos sentimentos de luto e perda (Loss Coping Orientation – OA) e no enfrentamento dos estressores da vida cotidiana e tirar um “tempo livre” do luto (Orientação de enfrentamento da restauração – RO).

As circunstâncias da morte e do morrer no contexto atual podem colocar desafios particulares a esta importante estratégia de autorregulação. Em primeiro lugar, as crianças são por natureza mais restauradoras, mas o acesso a atividades (por exemplo, encontros com amigos, esportes, atividades extracurriculares) que podem contribuir para aliviar a tristeza e a perda são atualmente mais limitados. Por outro lado, as pistas relacionadas à morte (máscaras, histórias de pessoas afetadas pela COVID, exposição na mídia) podem comprometer o enfrentamento da RO, pois as crianças são constantemente lembradas da morte (STROEBE; SCHUT, 2020).

Para tornar esse contexto ainda mais complexo, não apenas a criança sofreu uma perda significativa, mas a pessoa a quem ela normalmente recorreria – seus pais – pode estar muito angustiada para fornecer apoio adequado. Os pais podem estar enfrentando uma sobrecarga de estressores de RO (STROEBE; SCHUT, 2016), pois alguns podem enfrentar incertezas no trabalho ou financeiras; e fazer malabarismos com vários papéis e necessidades ao mesmo tempo (por exemplo, trabalhar em casa e ter que cuidar dos filhos ao mesmo tempo). Os pais também podem estar sofrendo uma perda significativa (por exemplo, perda do parceiro ou perda da mãe ou do pai). As crianças confiam profundamente no funcionamento do pai, que é vital para modelar, apoiar e dar permissão para o luto da criança.

A percepção de vulnerabilidade dos pais e a vontade de protegê-los podem impedir a criança de falar sobre suas reações, o que pode comprometer o foco nas estratégias de enfrentamento do OA. Da mesma forma, perder momentos finais com o ente querido, não ter a chance de se despedir e participar do funeral pode contribuir para sentimentos de que a morte da pessoa não parece real e que algo está inacabado ou não resolvido (TROZZI; MISSIMINI, 1999).



DESAFIOS NA IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS EM MAIOR RISCO

A identificação precoce e precisa de problemas de saúde mental é fundamental para a intervenção precoce. No entanto, identificar o luto desadaptativo das crianças é um desafio. Em primeiro lugar, pode haver sintomas e comportamentos com impacto significativo, mas que eles não reconhecem como relacionados à perda (WORDEN, 2001). Normalmente, essas reações assumem a forma de sintomas físicos ou comportamentos desadaptativos que podem imitar outros problemas de saúde mental; por exemplo, pode se manifestar como comportamento agressivo ou de oposição e ser rotulado erroneamente como trans-torno desafiador de oposição.

Além disso, foram propostas previsões de luto tardio – respostas de luto suprimidas, adiadas ou inibidas – (INCHAUSTI et al., 2020) e isso pode ser um risco particular para as crianças. Um fator mediador desse tipo de reação é a falta de apoio social no momento da perda (WORDEN, 2001), que pode ser exacerbada pelas atuais restrições sociais e esgotamento de recursos emocionais dos cuidadores (por exemplo, pais).

Finalmente, a perda na infância deve ser examinada no contexto do desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (PARIS et al., 2009). À medida que o desenvolvimento das crianças está em curso, o mesmo acontece com o seu sofrimento. Os sentimentos de perda são frequentemente processados continuamente à medida que as crianças adquirem mais compreensão de sua perda. Portanto, o luto infantil pode se manifestar de diferentes formas ao longo de seu desenvolvimento e vida, agregando complexidade à sua adequada avaliação.

O VALOR DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Pesquisas mostraram que as crianças desejam receber mais informações sobre a morte de seus pais à medida que passam pelo processo de luto.

Ter acesso à informação, com as devidas cautelas, no contexto da pandemia, é especialmente importante porque os cenários são muitas vezes imprevisíveis e em constante mudança. Portanto, é importante refletir sobre os



potenciais obstáculos a essa comunicação. Os adultos podem acreditar que, ao não falar, estão protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse a realidade da perda (TROZZI; MISSIMINI, 1999; GOLDMAN, 2009).

Além disso, pode ser útil para os adultos se conscientizarem de seus padrões de estratégias de enfrentamento com seu próprio sofrimento e morte e como isso pode impedir a conexão e a comunicação com a criança.

Crianças de todas as idades muitas vezes sabem mais sobre o que está acontecendo do que os adultos imaginam (GOLDMAN, 2009); eles podem ouvir conversas ou telefonemas; eles podem receber informações — nem sempre precisas — de outras pessoas; e muitas vezes eles percebem intuitivamente as mudanças no humor e nas emoções de sua família.

As crianças dependem de seus pais ou adultos significativos para adquirir suas informações sobre o mundo, aprender o que fazer com sua dor emocional e acessar a verdade. No entanto, equilibrar a verdade com a segurança é fundamental (WORDEN, 2001). No contexto atual é importante fornecer informações sobre o vírus, seus diferentes efeitos sobre o corpo e fases da doença do ente querido e sobre a morte, sempre de acordo com as necessidades e questionamentos da criança.

Além disso, a escola pode servir como um porto seguro, especialmente nas circunstâncias atuais, pois o apoio dos pais pode estar menos disponível. As escolas devem, portanto, ter informações sobre os sintomas de luto e o impacto no comportamento escolar. As necessidades das crianças enlutadas devem ser abordadas de forma proativa e contínua, com respeito à autonomia e liberdade na expressão emocional dos alunos (TROZZI; MISSIMINI, 1999).

As intervenções baseadas na escola com foco na melhoria do bem-estar das crianças são importantes. Uma revisão sistemática destacou resultados promissores nesta área de ensaios clínicos randomizados controlados em escolas com foco no aprimoramento das habilidades emocionais e sociais dos jovens (SANCASSIANI et al., 2015).

Exemplos de características reconhecíveis do desenvolvimento positivo da juventude consistem em vínculo, competência social, emocional, cognitiva, comportamental e moral; resiliência, autodeterminação, espiritualidade, autoeficácia, identidade clara e positiva, crença no futuro, normas pró-sociais (padrões saudáveis de comportamento); reconhecimento de comportamento positivo e



oportunidades de envolvimento pró-social (Catalano et al., 2004). Com crianças em luto, é importante também reconhecer uma visão mais positiva da saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é inerente à vida e as crianças são expostas a ela, mas não são ensinadas a lidar com a dor e o medo de que se seguem à morte de um ente querido. Isso se deve ao fato de que a morte é um tabu social e educacional e, conseqüentemente, nossa cultura não nos incentiva a falar sobre esse assunto. Neste artigo, apresentamos um protocolo de ação de perda e luto para a educação infantil, que engloba medidas preventivas e paliativas. Para que os educadores introduzam com sucesso a educação para a morte no currículo e sigam o protocolo apresentado neste artigo, fornecemos a eles conhecimento psicológico de como as crianças percebem e reagem à morte.

Tradicionalmente, a psicologia tem subestimado a compreensão das crianças sobre perda e falecimento, pois acreditava-se que elas não estavam cognitivamente preparadas para assimilar o que significa falecer. Isso se deve principalmente ao trabalho duradouro e influente do psicólogo Jean Piaget, que também permeou o campo da educação. No entanto, estudos posteriores mostraram que crianças menores de cinco anos entendem o que é a morte – pelo menos até certo ponto – e também sabem que a morte está ligada ao fim de processos corporais que são irreversíveis.

Uma vez que a crença de que as crianças não percebem e entendem a morte como adultos parece ser incorreta, elas podem se beneficiar de um ambiente em que o fim da vida seja ensinado e discutido. Depois da família, o próximo agente importante da socialização infantil é a escola. Por isso, acreditamos que a educação para a morte deve ser incorporada gradativamente ao currículo desde os primeiros níveis. Isso seria benéfico não apenas para o desenvolvimento socioemocional das crianças em idade pré-escolar, mas também as protegeria dos traumas da primeira infância.

Não devemos esquecer que o medo da morte é uma reação aprendida e, ao contrário da escuridão, monstros ou barulhos repentinos, as crianças em idade pré-escolar não estão predispostas a ter medo da perda e da morte. No



entanto, eles estão curiosos sobre isso, eles veem a morte em filmes e desenhos animados, e querem saber o que acontece quando pessoas ou animais morrem. A ausência de respostas para suas dúvidas e inquietações pode desencadear o medo da morte ou intensificá-lo. É por isso que devemos usar qualquer “momento de ensino” para conversar com as crianças sobre esse processo biológico, sem preconceitos ou tabus.

Quando ocorre uma morte na família, na sala de aula ou quando uma tragédia atinge sua comunidade, as crianças precisam desenvolver estratégias de enfrentamento e estas não podem ser construídas da noite para o dia. Apesar de pesquisas recentes, percepções errôneas sobre a existência do luto infantil ainda persistem, e a maioria dos adultos acredita que as crianças não precisam chorar ou que estratégias de evitação as protegerão do sofrimento.

O luto é uma resposta emocional também presente nas crianças que não deve ser descartada nem negligenciada; e é por isso que a educação emocional e a morte devem andar juntas e começar no nível pré-escolar. Não apenas as crianças sofrem, mas também o fazem de maneiras diferentes e muito diferentes das dos adultos. É por isso que compreender o luto infantil é primordial para pais e educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. **A percepção da morte na criança**. In A. Aberastury, & Colaboradores, A percepção da morte nas crianças e outros escritos (M. N, Folberg, trad., Porto Alegre, Artes Médicas. pp.128-139, 1984.

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter. (Trabalho original publicado em 1996). 2000.

BARONE, K. C. **Realidade e luto: um estudo da transicionalidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

CATALANO, R. F., BERGLUND, M. L., RYAN, J. A. M., LONCZAK, H. S.; HAWKINS, J. D. Desenvolvimento positivo de jovens nos Estados Unidos: resultados de pesquisas sobre avaliações de programas de desenvolvimento positivo de jovens. **Ann Am Acad Pol Soc Sci.** 591:98-124, 2004. doi: 10.1177/0002716203260102

GERHARDT, C. A., FAIRCLOUGH, D. L., GROSSENBACHER, J. C., BARRERA, M., GILMER, M. J., FOSTER, T. L., COMPAS, B. E., DAVIES, B., HOGAN, N. S.; VANNATTA, K. Relações entre pares de irmãos enlutados e colegas



de classe de comparação após a morte de uma criança por câncer. **Journal of Pediatric Psychology**, 37(2), 209-219, 2012. doi: 10.1093/jpepsy/jsr082

GOLDMAN L. **Ótimas respostas para perguntas difíceis sobre a morte – o que as crianças precisam saber**. Londres: Editora Jessica Kingsley, 2009.

GOLDSMID, R., FÉRES-CARNEIRO, T. **Relação fraterna**: o social. *Psicologia USP on line*, 22(4), 771-788, 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031>

GREEN, A. A. **Narcisismo de vida - Narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta. 1988.

INCHAUSTI, F., MACBETH, A., HASSON-OHAYON, I.; DIMAGGIO, G. Intervenção psicológica e COVID-19: o que sabemos até agora e o que podemos fazer. **J Contemp. Psicoterapeuta**. 50:243-50, 2020. doi: 10.1007/s10879-020-09460-w

IRELAND, V. E. **A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico**. *Estudos de Psicanálise*, 35(1), 151-166, 2011. Endereço eletrônico: http://pepsic.bvsa-lud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372011000200016

LIMA, V. R.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 390-405, 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>

PARIS, M. M., CARTER, B. L., DIA, S. X.; ARMSWORTH, M. W. Luto e trauma em crianças após a morte de um irmão. **J Criança Adolescente Trauma**. 2:71–80, 2009. doi: 10.1080/19361520902861913

PEREIRA, C. R. R. **Rivalidade fraterna na perspectiva dos progenitores**: a gestação ao segundo ano de vida do filho. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

PINCUS, L. **A família e a morte: como enfrentar o luto** (F. Murad, trad.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1989.

SANCASSIANI, F., PINTUS, E., HOLTE, A., PAULUS, P., MORO, M.F.; COSSU, G, et al. Aprimorando as habilidades emocionais e sociais dos jovens para promover seu bem-estar e desenvolvimento positivo: uma revisão sistemática de ensaios controlados randomizados universais baseados em escolas. **Clin Pract Epidemiol Saúde Mental**. 11: 21–40, 2015. doi: 10.2174/1745017901511010021

STROEBE, M. S.; SCHUT, H. O modelo de processo dual de enfrentamento do luto: lógica e descrição. **Garanhão da Morte**. 23:197-224, 1999. doi: 10.1080/074811899201046

STROEBE, M. S.; SCHUT, H. O modelo de processo dual de enfrentamento do luto: lógica e descrição. **Garanhão da Morte**. 23:197-224, 1999. doi: 10.1080/074811899201046



TROZZI, M.; MISSIMINI, K. **Conversando com Crianças sobre Perda**: Palavras, Estratégias e Sabedoria para Ajudar as Crianças a Lidar com a Morte, o Divórcio e Outros Tempos Difíceis. Londres: Penguin Group. 1999.

WINNICOTT, D. W. **A criatividade e suas origens**. In DW Winnicott, O brincar ea realidade (JOA Abreu & V. Nobre, trads., pp. 95-120, 1975. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

WINNICOTT, D. W. **Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self"**. In DW Winnicott, O ambiente e os processos de maturação (ICS Ortiz, trad., pp. 128-139, 2008. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)

WORDEN, J. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: Um Manual para o Profissional de Saúde Mental (3ª ed.). Nova York, NY: Routledge. 2001.